

EXPRESSÕES E PERCEPÇÕES DA VIOLÊNCIA NA FORMAÇÃO DAS SUBJETIVIDADES JUVENIS¹

GT 22- Sociologia da infância e juventude

Josimey Costa da Silva²

Hélida Lopes da Silva³

Mestranda de Ciências Sociais da UFRN

helida.lopes7@gmail.com

(84)9637-7800.

(85)8608-3448.

RESUMO

O aumento da audiência de programas televisuais que abordam a violência urbana e a abundância de imagens sobre fatos violentos circulando nas mídias sociais têm permitido perceber a constância com que os jovens são protagonistas em casos de criminalidade ou são alvo das divulgações midiáticas. Esses fatos constituem importante objeto de análise sociológico-antropológica para a compreensão da sociedade contemporânea da comunicação e do entretenimento de massas, pois as subjetividades e identidades coletivas se constituem também pelo consumo de bens simbólicos. Os dados de duas pesquisas - uma realizada em Natal/RN e outra em Fortaleza/CE – trazem elementos que contribuem para a reflexão sobre como conformação social e conflitos se manifestam nas expressões das subjetividades juvenis e nos fatos da vida cotidiana.

PALAVRAS-CHAVE

Jovens. Mídia. Violência.

¹ Texto resultante da confluência de duas pesquisas. A primeira realizada em Natal sob cadastro na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN e coordenada pela Prof^a Dr^a Josimey Costa da Silva de julho de 2006 a julho de 2010. As técnicas utilizadas na elaboração da sondagem foram decorrentes de uma pesquisa efetuada em São Paulo sobre Jovens Urbanos e consumo cultural na cidade de São Paulo, cuja primeira etapa foi realizada entre 2001 e 2003 na PUC/SP, com financiamento pela FAPESP e coordenação das Prof^{as}. Dr^{as}. Silvia Simões Borelli e Rose de Melo Rocha. A segunda pesquisa ainda em andamento em Fortaleza/CE e executada pela mestranda Hélida Lopes da Silva desde 2012 como parte do mestrado no Programa em Ciências Sociais da UFRN.

² Doutora em Ciências Sociais/Antropologia pela PUC/SP e docente nos Programas de Pós-Graduação em Estudos da Mídia e em Ciências Sociais, ambos da UFRN. Orientadora da pesquisa de mestrado de Hélida Lopes da Silva.

³ Bacharel em Ciências Sociais, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais- PGCS, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN.

Os jovens no Brasil estão frequentemente no centro de debates sobre violência, ora como agentes, ora como vítimas ou ainda como seus consumidores simbólicos. Mesmo os que não estão diretamente envolvidos ficam cotidianamente em proximidade com a violência, com consequências que vão da banalização e naturalização à preferência estética, principalmente entre jovens da periferia. Tal situação aponta os jovens como importante objeto de análise sociológico-antropológica para a compreensão da sociedade contemporânea da comunicação e do entretenimento de massas. As subjetividades e identidades coletivas, em sua constituição, passam pelo consumo de bens simbólicos e, a considerar os temas e imagens difundidos midiaticamente, pela percepção da violência urbana.

Diante disso, é preciso levar em consideração que Juventude e Violência são, sobretudo, representações sociais; são categorias dispersas no imaginário social. Há uma elaboração coletiva sobre cada uma desses fenômenos, que modula comportamentos e arranjos de sociabilidade. Os jovens, em sua singularidade, deparam-se com diferentes formas de conformação e de conflitos, ora praticando, ora enfrentando a violência. Os conflitos existem e devem ser reconhecidos em sua diversidade, já que são inerentes à vida social. Nesse sentido, e dada à centralidade da categoria juventude nas sociedades da comunicação de massas e das redes sociais, é preciso perceber os contornos dessa conformação e desses conflitos, as formas como se manifestam nas expressões das subjetividades juvenis e nos fatos da vida social cotidiana.

Duas pesquisas aqui se apresentam para entender essa realidade: uma sobre os jovens e seu consumo simbólico e cultural em Natal, realizada entre 2006 e 2010, e atualizada por notícias recentes que informam sobre um aumento exponencial da incidência de mortes violentas de jovens nos últimos dez anos em Natal; e outra acerca de uma das formas de resistência desenvolvidas pela comunidade do Titanzinho, periferia de Fortaleza-CE, a qual tem o intuito de mostrar/oferecer uma outra “realidade” diferente da vivida pelos jovens na comunidade, tal pesquisa se encontra atualmente em andamento.

A abordagem da pesquisa em Natal considera que a cultura urbana contemporânea, capitalista e transnacional, enfatiza a juvenilização dos corpos e a liquidez dos laços afetivos, estimula o consumo constante e superlativo, excita os

sentidos da distância (visão e audição) e injeta velocidade no presente enquanto esvazia de sentido imagens e símbolos. A mídia comercial, de massa, por sua vez, sedimenta imagens dos jovens a partir de óticas de exclusão social e consolidação de estereótipos, com consequências importantes para a autoimagem dos jovens e a constituição de suas subjetividades.

Na pesquisa em Fortaleza, realizada no Titanzinho, também é necessário recorrer ao contexto psicocultural maior, pensando o *locus*, e o *habitus* primário, formador dos comportamentos violentos. Assim, os esquemas, padrões e estereótipos difundidos pela mídia configuram um tipo de expressão conhecida como opinião pública, que deve ser percebida não como um dado concreto, mas como algo paradoxal, um poder que não se exerce apenas pela mera transmissão de informação, mas pela disseminação dentro de um sistema que se insere no imaginário social. Este, por sua vez, seria uma representação acrescentada, em que os preconceitos e estigmas sociais, que descaracterizam e tornam invisível a pessoa em sua humanidade e direitos básicos, permitiriam a exposição dos jovens como uma caricatura vivível, tornada real.

DO CONSUMO À EXPRESSÃO DE SI

A pesquisa “Imagens de presença e de ausência: sentidos midiáticos da subjetividade juvenil”, realizada em Natal/RN numa abordagem teórico-metodológica baseada nos princípios de uma ciência complexa⁴. Foram aplicados questionários semi-estruturados com 30 jovens entre 15 e 24 anos realizada no período de 8 a 24 de março de 2007, enquanto diversos jovens locais de fluxoforam abordados e fotografados em observação etnográfica feita em shoppings centers, praças, bares, pontos de encontro nas ruas. Foram feitas 265 fotografias em 10 locais visitados. Também foram analisados os jornais locais Diário de Natal e Tribuna do Nortenos meses de outubro a dezembro de 2006, e fevereiro a abril de 2007, num total de 110 edições analisadas. A título de amostra comparativa, foram analisados 01 suplemento de jornal de São Paulo e 07 revistas do sudeste do país dirigidas para jovens⁵.

⁴ Para maior aprofundamento, cf. MORIN (1998;1999).

⁵ As edições são das revistas Trip (nº 153, São Paulo: Ed. Trip, março de 2007), TPM (nº 63, São Paulo: Ed. Trip, março de 2007), Atrevida (nº 149: São Paulo, Símbolo Editora), Todateen (nº 135 e 136: São Paulo, Ed. Alto Astral, março de 2007), Capricho (ed. 912, São Paulo: Ed. Abril, março de 2007), Caras (ed. 694, São Paulo, Ed. Abril, 23/02/2007), Istoé Gente (ed. 390, São Paulo: Ed. Três, 19/02/2007) e o suplemento Folhateen do jornal Folha de São Paulo (de 12/02/07 e 18/03/07: São Paulo, Grupo Folha).

Na mídia impressa, há polaridade e oposição no modo como os jovens são representados, com reforço a estereótipos já socialmente disseminados. Nos jornais Tribuna do Norte e Diário de Natal, os jovens belos, inteligentes e felizes estão nas colunas sociais e pertencem a estratos sociais de maior poder aquisitivo; os jovens rebeldes, violentos e perigosos estão nas páginas policiais. Morin (1988) se refere à juvenilização da cultura ocidental contemporânea, o que é grandemente fomentado pelas mídias jornalísticas e do entretenimento. Estas se utilizam das imagens de jovens, sobretudo com conotação erótica, como apelo de vendas.

Já Contrera (2002) e Sodré (2002) salientam que um modo de operação da mídia, especialmente a jornalística, é a disseminação do sentimento de insegurança entre os receptores. Assim, enfatizar a criminalidade juvenil não só pelas estatísticas, mas também pela divulgação de imagens confirmadoras, é uma forma de usar o medo como recurso sensacionalista, legitimando as mídias noticiosas como discurso de verdade. A pesquisa realizada em São Paulo⁶, por sua vez articulada a pesquisas semelhantes realizados em outros países da América Latina, mostram representações midiáticas com igual teor sobre os jovens e suas pertencas, em que as minorias sociais geralmente representadas negativa e subalternamente⁷.

Há discrepâncias entre essas formas de representação midiática e a autodescrição que se fazem os jovens entrevistados na pesquisa em Natal. São perceptíveis as influências midiáticas, mas também são notáveis os processos de hibridização, resultado de criações particulares que negociam com e às vezes revertem os códigos hegemônicos. Os processos midiáticos norteadores do consumo cultural e direcionados para o público juvenil têm nas imagens visuais uma base fundamental. As imagens são um conteúdo importante do capital cognitivo humano, e constituem um primeiro modo de funcionamento mental, anterior à aquisição da fala. Assim, imagens têm uma pregnância muito forte na constituição do psiquismo, especialmente no que se refere ao conteúdo emocional das introjeções e expressões de subjetividade. Mas as imagens são também um potencial de criatividade e resistência, o que é demonstrado pelas produções juvenis, incluindo a arte e os estilos de apresentação visual/corporal. Os

⁶ Ver nota de rodapé 1.

⁷ Mais dados podem ser obtidos artigo SILVA; NEVES; SOBRAL. JOVENS: IMAGENS DE PRESENÇA E AUSÊNCIA NA CULTURA (2012).

jovens têm, na imagem, um largo canal de comunicação com o mundo. As mídias, reforçando tecnologicamente o registro, o alcance e a duração da expressão (PROSS, 1990), ampliam a força das imagens, tanto para a padronização de massa como para a manifestação das subjetividades contemporâneas.

As mídias são atualmente presença indissociável no cotidiano principalmente dos jovens dos mais variados estratos sociais por isso são uma dimensão fundamental da experiência contemporânea. Assim, o consumo de bens simbólicos e de produtos da cultura de massa constitui e se expressa nos comportamentos dos receptores e, para o que interessa a esta reflexão, também dos jovens. É nesse entendimento que é possível afirmar que as subjetividades estão vinculadas ao consumo cultural de massa mediado tecnologicamente, com as redes de comunicação ocupando papel de destaque no processo de conformação da cultura contemporânea

Para entender os jovens em sua atuação no meio social, é importante considerar suas relações com as mídias e o modo como essas mídias os representam. Isso requer conceber mídia como mais do que veículo ou meio, para o que colabora Silverstone (2002), ao revelar uma existência multidimensional das mídias: simultaneamente social, cultural, político e econômica. A fruição midiática, nesse sentido, é um processo que se articula às subjetividades dos destinatários, influenciando sua percepção, imaginação, valores e constituição identitária.

SER GENTE

Na pesquisa realizada em Fortaleza-CE, o foco está na comunidade chamada de Titanzinho, que se localiza na periferia da cidade no bairro Serviluz, o qual sofre com a precariedade social e é descrito pelos jornais e noticiários televisivos como altamente violento. Importante esclarecer que o Serviluz não é classificado oficialmente pela prefeitura de Fortaleza como bairro, embora seja assim denominado no cotidiano dos moradores. No mapeamento oficial, a comunidade se localiza dentro do bairro Cais do Porto. Neste trabalho, o Serviluz é tratado como bairro, já que é comum assim os fortalezenses a ele se referirem. Ele se situa próximo à Praia do Futuro, Vicente Pinzon e Mucuripe, bairros que detêm elevado crescimento de conflitos e homicídios.

A Praia do Titanzinho, apesar de estar entre os mais belos cartões-postais da Cidade, é, além de ponto turístico, uma área em que há casas de prostituição. É uma

localidade em que se acompanha o aumento dos índices de crimes, como homicídios e tráfico de drogas, e sua população apresenta, em maioria, aspectos socioeconômicos em níveis considerados insatisfatórios, o que é detectado no cotidiano dos moradores. O Serviluz vem apresentando problemas urbanos como a ocupação de terras públicas por habitantes de baixa renda, criando-se áreas de favela e sem planejamento urbano, problemas característicos de grandes metrópoles, o que é o caso de Fortaleza.

O Titanzinho sofre, há muitos anos, com a poluição, resultado da falta de investimentos públicos em saneamento básico, associada à falta de educação ambiental da população, que joga lixo na praia, originando doenças e deformações dos corais e degeneração da natureza como um todo no local. O esgoto despejado no mar agrava a escassez de instrumentos de desporto, espaços de recreação e lazer. Tal quadro é alarmante e prejudicial a todos os que depositam no mar sua fonte de sobrevivência e lazer.

O Serviluz se localiza na ponta da histórica enseada do Mucuripe, área que se desenvolveu graças ao Porto de onde desembarcavam mercadorias e estrangeiros, atraindo muitos comerciantes e prostitutas. O nome Serviluz surgiu a partir da existência da Companhia de Serviço de Força e Luz de Fortaleza (Serviluz), na década de 1950, utilizada pelos moradores como referência para situar a localidade. A maior parte da população vive na informalidade, exercendo atividades como a pesca. Com isso, os antigos pescadores, que habitavam a área, reuniram-se e formaram a colônia dos pescadores Z-8 em 1973.

O bairro é um dos que têm menor Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), que é de 0,386. Nele, 90% da população são beneficiados com o Bolsa Família, programa de assistência do Governo Federal, e 80% têm instrução formal no nível apenas do Ensino Fundamental e vivem na informalidade econômica. Dos 21 mil habitantes, 20% sobrevivem da pesca. Além disso, a comunidade é carente de serviços urbanos e comerciais básicos. Os moradores dispõem apenas de um pequeno comércio⁸ (MOSCOSO, 10/02/2010).

O bairro começou a ser construído na década de 1940, com a transferência, feita pela Companhia das Docas do Ceará, de pescadores e estivadores que habitavam a

⁸ Matéria publicada no Jornal Diário do Nordeste. Ver: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=734403#diariovirtual>

Praia Mansa para o local. Assim, em consequência da construção do Porto do Mucuripe, cerca de 200 famílias foram transferidas para a área conhecida hoje como Serviluz. Localizado entre a Beira-Mar e a Praia do Futuro, o bairro ficou famoso por seu potencial turístico e pela prática do *surf* na Praia do Titanzinho. Paralelamente a isso, o lugar tem, disseminada pela mídia jornalística local, uma imagem também famosa como cenário de constantes conflitos violentos de gangues e de crescimento de homicídios.

Pesquisa recente, que realizou uma cartografia da criminalidade e da violência em Fortaleza⁹ por cada Secretaria Executiva Regional da Cidade¹⁰, registrou o Serviluz, situado na Regional II, como a região da praia com índices crescentes de crimes como homicídio. O Serviluz é detentor do mais baixo índice de rendimento médio da Regional. Lá também se verifica a ação de gangues, fator com potencial de catalização de crescimento de homicídios. As relações conflituosas, quando não mediadas, tendem a evoluir para crimes de natureza mais grave. (Cartografia da Criminalidade e da Violência na Cidade de Fortaleza, 2010, p. 109). Ou seja, as brigas de gangues e uso de drogas, bem como por delitos de baixa complexidade como brigas de casais e vizinhos, quando crônicos em uma determinada área, são fortes candidatos a evoluírem para crimes como agressões físicas graves e homicídios.

Caminhar por entre as ruelas do Serviluz é um exercício de pesquisa que exige esforço em se completar, haja visto que, para chegar ao destino escolhido - a comunidade do Titanzinho - é necessário adentrar no bairro e penetrar no interior de becos estreitos. Consequentemente, o mar que embeleza o bairro fica escondido aos olhos dos transeuntes, assim como as outras poucas áreas de lazer, que não podem ser vistas da avenida principal, mais ampla e movimentada, onde trafegam os ônibus que

⁹ Para maiores informações ver Cartografia da Criminalidade e da Violência na Cidade de Fortaleza (2010), realizada pela UECE com interveniência do Instituto de Estudos, pesquisas e Projetos-IEPRO e a Guarda Municipal e Defesa Civil de Fortaleza, com recursos da Secretaria Nacional de Segurança Pública – SENASP e Ministério da Justiça, realizada por pesquisadores do Laboratório de Direitos Humanos, Cidadania e Ética-LABVIDA e Laboratório de Estudos da Conflitualidade e Violência-COVIO, ambos da Universidade Estadual do Ceará e do Laboratório de Estudos da Violência-LEV da Universidade Federal do Ceará, com apoio da Guarda Municipal e Defesa Civil de Fortaleza – GMF. A Cartografia tem como objetivo formatar um documento contendo mapas e dados dispostos em representação gráfica para comunicar as informações sobre criminalidade e violência na cidade. Disponível em: http://www.uece.br/covio/dmdocuments/relat%C3%B3rio_final.pdf

¹⁰Fortaleza está dividida administrativamente em seis Regionais, sendo que a Regional II abriga o Centro da Cidade, que é bairro, porém foi transformado em uma Regional específica, a Secretaria Executiva Regional Centro- SECEFOR.

trafegam pelo bairro. Isso faz com que muito pouco da comunidade seja visto, de modo que a imagem de violência da localidade, difundida principalmente pelos programas policiais de TV e rádio, não possa ser desarticulada pelo olhar direto.

Para tentar entender as consequências desse fato, as reflexões de Rondelli (2000) servem de apoio. A autora informa que a violência, em determinados episódios, apresenta-se não só como um mero fenômeno de agressão física, mas como linguagem, como um ato de comunicação: “a repercussão de alguns episódios ocorre porque revelam questões sociais que estão além dos limites dos espaços de sua ocorrência.” (p.151). Para ela, a mídia exacerba casos de violência como meio espetacular para ganhar audiência, mas de forma crítica, atenta para o fato de que, mesmo com essas características, a mídia também funciona como canal de comunicação, de apresentação dos fatos, tornando-os conhecidos, reveladores e, portanto, objetos de discussão e de possíveis mudanças na compreensão e ação sobre os mesmos.

Entretanto, há, em relação aos fatos de violência ocorridos no Serviluz, uma reverberação significativa entre a maioria dos receptores midiáticos a partir das notícias e editoriais da mídia, o que afasta possíveis frequentadores e possibilidades de alteração imediata tanto da sensação geral quanto da imagem difundida, o que cria um estado de determinação que imobiliza para mudanças. Tal situação pode ser um dos fermentos de crescimento de sujeitos sociais dispersos na própria comunidade, desmobilizados para a ação, desencantados com o futuro, desacreditados de uma ética. Sujeitos sem potência política transformadora, que se vêem justificados e legitimados por esta visão essencialmente negativa da condição humana contemporânea. (RONDELLI, 2000)

Os esquemas, padrões e estereótipos difundidos pela mídia configuram um tipo de expressão conhecida como opinião pública, que deve ser percebida não como um dado concreto, mas como algo paradoxal, um poder que não se exerce apenas pela mera transmissão de informação, mas pela disseminação dentro de um sistema que se insere no imaginário social, imaginário este que, para Castoriadis (1991), seria que o um reflexo e uma refração ideológica das condições reais de vida e da atividade social dos homens.

Esse imaginário social, por sua vez, seria uma representação acrescentada, em que os preconceitos e estigmas sociais, que descaracterizam e tornam invisível a pessoa em sua humanidade e direitos básicos, permitiriam a exposição dos jovens como uma

caricatura vivível, tornada real. A “especificidade do imaginário(..) ultrapassaria a simples reprodução concebida pela representação”(LEGROS ET AL, 2007, p. 107), de modo que, à representação do jovem pobre, de bairro perigoso, seriam adicionadas características mais fortes, ou mais permanentes, ou ainda, naturalizadas, de modo a no fim tornar invisível a pessoa em sua humanidade e seus direitos básicos. Afirma Soares:

O preconceito provoca invisibilidade na medida em que projeta sobre a pessoa um estigma que a anula, a esmaga e a substitui, por uma imagem caricata, que nada tem a ver com ela, mas expressa bem as limitações internas de quem projeta o preconceito. (2006, p.133).

Os principais sujeitos atingidos por esse tipo de preconceito, no caso em estudo, são os jovens. As condições de vida e vulnerabilidade social, e mais ainda, as classificações estereotipadas sobre eles, atingem cotidianamente os jovens que residem em bairros populares como o Serviluz. As crianças e os adolescentes do Titanzinho, em sua maioria, se encontram em situação de abandono, o que agrava ainda mais o índice de vulnerabilidade social em que eles se encontram. Eles vivem em um mundo socialmente contraditório e preconceituosamente marcado pelo como lugar de bandido.

Misse (2008), em sua obra, se refere a sujeitos encobertos por um tipo de “sujeição criminal”, processo pelo qual são identificados previamente os supostos sujeitos que irão compor um tipo social negativo cujo caráter é socialmente considerado “propenso a cometer um crime” (p.14). Assim, é possível que, no Serviluz, muitos moradores passem a desacreditar em suas potencialidades e terminem por corresponder aos estereótipos de que o pobre é um potencial transgressor e, mais ainda, também passem a se classificar como inevitavelmente transgressores, gerando um ciclo de autoimagem estigmatizada de difícil resolução.

Tudo aquilo que distingue a pessoa, tornando-a um indivíduo, tudo o que nela é singular desaparece. O estigma dissolve a identidade do outro e a substitui pelo retrato estereotipado e a classificação que lhe impomos. (SOARES, 2006, p. 132-133).

Nesse sentido, o imaginário seletivo da punição se constitui e, geralmente, recai sobre alguns adolescentes expostos e vulneráveis diante das condições de desigualdade social. Este imaginário é o resultado de um duplo processo: a formação de um imaginário culpabilizador - a sujeição criminal apontada por Misse - e a experiência diária de exposição da população à violência simbólica, que começa a fazê-la se

enclausurar numa rotina de medo (CALDEIRA,2000). Essa violência simbólica é propagada principalmente por meio dos programas policiais de TV e rádio, nos quais a população pobre sempre aparece no cerne das práticas violentas. Tal prática produz, no imaginário da sociedade como um todo, o medo e a insegurança dirigidos contra este segmento social, principal alvo de estigmas e preconceitos dessa ordem.

Wacquant (1994, p.24) pondera sobre fenômenos dessa ordem ao distinguir “a maldição de ser pobre no meio de uma sociedade rica”, que produz a percepção de que “ser pobre” tem relação direta com “ser violento”, como resultante do ódio dos que não têm contra os que têm na cobiça por objetos de consumo. Tal concepção é agravada pela situação de precariedade em que vivem as famílias de bairros pobres, vítimas da discriminação por endereço, que

faz diferença, abona ou desabona, amplia ou restringe acessos. [...] Hoje certos endereços também trazem consigo o estigma das áreas urbanas subjugadas pela violência [...]. Ao preconceito e à discriminação de classe, gênero e cor adicionam-se o preconceito e a discriminação por endereço. (NOVAES, 2006, p. 106).

Verifica-se, portanto, um processo de incriminação social que ganha maior autonomia quanto maior for o grau de segregação, exclusão e distância social máxima do acusado (MISSE, 2008). Na pesquisa no Titanzinho, também é necessário recorrer ao contexto psicocultural maior, pensando o *lócus* e o *habitus* primário, formadores dos comportamentos violentos. O *habitus* primário - que seria a socialização recebida em casa, pelos responsáveis legais dos alunos e, neste caso, pelas experiências primárias das crianças que se aventuram na rua e na praia - entra em tensão com a socialização desenvolvida por outras instituições sociais, como a escola formal ou outras, como a ESBT - Escola Beneficente do Titanzinho, mas também com o envolvimento com as drogas e crimes no bairro. Esta tensão fomenta outros tipos de *habitus*, gerados por diferentes estatutos morais, seja das instituições sociais, seja das ruas e do mundo do crime pelas quais os jovens passam.

Os jovens do Titanzinho, por diversas vezes, amadurecem e aprendem a cuidar de si de forma abrupta, visando a sua sobrevivência a cada dia. Isto reflete o conceito de “mortos-vivos” (SOARES, 2004), que lhes pode ser aplicado por que estão presentes no cotidiano da cidade, mas permanecerem invisíveis para a maioria da população; são

indivíduos que, para grande parte dos moradores da Cidade, já estão mortos por suas péssimas condições de sobrevivência. “A gente deixa de ver (...) porque se visse não conseguiria tocar a vida” (SOARES, 2004, p.135), e isso é resultado de uma percepção e uma amnésia seletivas e coletivas.

Entretanto, o cotidiano e o ambiente social do Titanzinho não é apenas aquele que o imaginário social construiu a partir das representações da mídia. Na observação direta realizada na comunidade, em alguns ângulos e em determinados horários¹¹, o Titanzinho aparenta ser um bairro tranquilo, com crianças nas ruas a correr brincando de bola, pessoas sentadas nas pedras à beira-mar conversando, como é comum aos bairros periféricos de Fortaleza. Junto a isso e na tentativa de resistir à incriminação e sujeição criminal, observa-se que os sujeitos moradores do Serviluz, assim como de outras tantas comunidades da periferia do Brasil, buscam construir realidades diferentes da vivida por eles na sua comunidade. Eles desenvolvem formas de confrontação contra essa situação de preconceito, violência, tráfico e a marginalização de seus jovens em seu percurso cotidiano. Um exemplo é a Escola Beneficente do Titanzinho- EBST, que foi idealizada para servir como instrumento contra o ócio improdutivo dos jovens do bairro por meio de aulas de *surf*, ioga e outras atividades esportivas.

A EBST está sendo o local de observação e entrevista dos jovens moradores do Titanzinho por suas características de abertura e acolhimento à diferença. À semelhança do que ocorreu em Natal nos locais de observação do fluxo de jovens, é possível aí perceber uma contradição entre o que os jovens apresentam de si e o que a mídia diz majoritariamente sobre eles. No caso do Titanzinho, conclui-se que a experiência na Escola se embaralha com outras referências que os jovens obtêm no seu dia a dia na rua, no bairro, no contato com a criminalidade. O “ser bandido”, traficante ou criminoso, a partir dessa experiência pode remeter a outro destino: o de “ser gente” a partir do descortinamento de outras possibilidades de vida e, principalmente, do reconhecimento social que responde pela construção das subjetividades juvenis.

¹¹Observação feita no horário diurno por ser de mais fácil encontrar os jovens frequentadores da EBST – Escola Beneficente de Surf do Titanzinho.

BIBLIOGRAFIA

- AUMONT, Jacques. A imagem precária: sobre o dispositivo fotográfico. 2ª ed. Campinas/SP: Papirus, 1995.
- BAITELLO JR., Norval. Imagem e violência: a perda do presente. In: São Paulo em Perspectiva, vol. 13/no 3. São Paulo: Fundação SEADE, 2000.
- BAITELLO JR., Norval. O animal que parou os relógios. São Paulo: Anna Blume, 1997.
- BAUDRILLARD, Jean. A troca simbólica e a morte. Vol. I e II. Lisboa: Edições 70, 1996.
- BAUER, MARTIN e GASKELL, G. (org.). Pesquisa qualitativa com textos, imagem e som: um manual prático /. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BERGER, John. Modos de ver. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 2000.
- BERGSON, Henri. Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BETH, Hanno / PROSS, Harry. Introducción a la ciencia de la comunicación. Barcelona: Anthropos, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. Razões Práticas: sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- BYSTRINA, Ivan. Tópicos de semiótica da cultura. São Paulo: Centro Interdisciplinar de Estudos em Semiótica da Cultura (s.d.).
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Edusp, 2000.
- CANCLINI, Néstor G. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1999.

Cartografia da Criminalidade e da violência na Cidade de Fortaleza. BRASIL. Fortaleza, 2010. Disponível em: http://www.uece.br/covio/dmdocuments/relat%C3%B3rio_final.pdf

CASTORIADIS, C.. A instituição imaginária da sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. A Cultura no plural. São Paulo: Papirus, 1995.

CONTRERA, Malena S. Mídia e pânico. São Paulo: Annablume, 2002.

CYRULNIK, Boris. Os alimentos do afeto. São Paulo: Ática, 1995.

CYRULNIK, Boris. Do sexto sentido. Do sexto sentido: o homem e o encantamento do mundo. Lisboa: Instituto Piaget, 199-.

JAMESON, Fredric. As marcas do visível. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

LEGROS, Patrick; MONNEYRON, Frédéric; RENARD, Jean-Bruno, TACUSSEL, Patrick. Tradução Eduardo Portanova Barros. Sociologia do Imaginário. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MAFFESOLI, Michel. No Tempo das Tribos. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

MISSE, M. (org). Acusados e Acusadores: estudos sobre ofensas, acusações e incriminações. Rio de Janeiro: Revan, 2008.

MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo - Necrose. Vol. II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

MORIN, Edgar. La violencia de los símbolos sociales. Barcelona: Anathropos, 1989.

MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo - Neurose. Vol. I. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

MORIN, Edgar. O método 3: o conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 1999.

MORIN, Edgar. O Método 4: as idéias, Habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina, 1998.

MOSCOSO, Lina. A simplicidade do Serviluz. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=734403>. Publicado em 10 de fevereiro de 2010. Acesso: 29 de Julho de 2011. Hora: 18:31.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, M. e EUGENIO, F.(orgs.). Culturas Jovens. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

PROSS, Harry & Romano, Vicente. Atrapados en la red mediática. Espanha: Argitaletxe Hiru, 1999.

PROSS, Harry. Estructura simbólica del poder. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1980.

ROCHA, Rose de Melo Rocha, Josimey Costa da Silva CONSUMO, CENÁRIOS COMUNICACIONAIS E SUBJETIVIDADES JUVENIS E-COMPÓS Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, VOL. 9 (2007), 19 p. In: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/168>

ROMANO, Vicente. El tiempo y el espacio en la comunicación: la razón pervertida. ESPAÑA: ARGITALETXE HIRU, 1998.

ROMANO, Vicente. Desarrollo y progreso - Por una ecología de la comunicación. Barcelona: Teide, 1993.

ROMANO, Vicente. Variações sobre o corpo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

RONDELLI, Elizabeth. Imagens da violência e práticas discursivas. IN: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder; RONDELLI, Elizabeth; SCHOLLHAMMER, Karl Erik; HERSCHMANN, Micael. (Orgs.). Linguagens da Violência. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SERRES, Michel. Os cinco sentidos. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.

SILVA, Josimey Costa da; NEVES, Thiago Tavares das; SOBRAL, Gustavo Leite. Jovens: imagens de presença e ausência na cultura. In: GALENO, Alex;

ALMEIDA, Maria da Conceição de (Orgs.). Ensaio de complexidade. Natal: EDUFRN; PGCS, 2012.

SILVEIRA, Nise da. O mundo das imagens. São Paulo: Ática, 1992.

SILVERSTONE, Roger. Por que estudar a mídia? São Paulo, Loyola, 2002.

SOARES, Luiz Eduardo. Juventude e Violência no Brasil Contemporâneo. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. 1ª Reimpressão. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Instituto Cidadania, 2006.

SODRÉ, M. Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

WACQUANT, Loïc. As prisões da miséria. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2011.